

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fôra do reino accresce o porte do correio.

Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.

Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.

Repetições..... 20 rs. a linha

Annuncios permanente 5

Folha avulsa..... 40 rs

Os tribunaes administrativos

Está, finalmente em execução o código administrativo.

Demasiado centralizador, em relação ao de 1878, o novo código exarou disposições democraticas que a pratica vae annullando.

Vimos já como a representação das minorias, o principio mais avançado, fôra sophismado.

A prova real, positiva derrocara n'um momento o que aos politicos tantas locubrações costara.

Os tribunaes administrativos, de nomeações do governo, retirando-se a faculdade da sua escolha aos eleitores, representa, é certo, um retrocesso; mas bastantes annos de pratica tem demonstrado quanto foram iniquas as decisões dos antigos conselhos de districto, onde as paixões partidarias se expandiam á vontade, onde o direito das partes pouco ou nada valia, desde o momento que fosse posto em opposição com as necessidades politicas da parcialidade n'elles representada.

As ideas revolucionarias metaphisicas, tendo por base uma utopia—o governo do povo pelo povo—conquistaram os homens novos do liberalismo, e por isso foram consignadas nas nossas leis. Avançou-se no sentido democratico, concederam-se direitos ao individuo, desprezando as condições especiaes do meio, do grau de illustração e independencia.

Por isso appareceu o suffragio universal, a instituição do juri tanto nas causas civis como nas crimes, a escolha dos magistrados por meio da eleição directa.

Avançou-se bastante e a pratica veio demonstrar quanto eram nullas e sem base as ficções dos modernos liberaes, suppondo o povo apto para se governar, sem a tutela da minoria illustrada do paiz. A corrupção venal appareceu em larga escala e o povo soberano deixava-se ir acorrentado até ás urnas, exprimir a sua vontade individual, exercér direitos dos quaes não reconhecera o alcance.

Pela pressão dos grandes capitalistas, creou-se uma classe de mandoes exploradores, traficando em politica, fazendo negocio com os votos do povo soberano. O povo ignorante, levado á força, votando sem saber para que, tornou-se indifferente ás lutas dos politicos.

Tinhamos avançado demais e era preciso retroceder. A chimera desfazia-se ao embate da indifferença e ignorancia popular.

O povo prejudicado foi o primeiro a reclamar e por isso desapareceram em parte os juizes electivos mais importantes nas causas civis. Os cargos d'eleição foram pouco e pouco restituido-se. Portanto a substituição dos concelhos de districtos pelos tribunaes administrativos, de nomeação regia ou, mais propriamente, do governo, representam a continuação da corrente centra-

lisadora approvada pela pratica.

Resta hoje saber se os novos tribunaes saberão cumprir a missão que lhes é traçada pela lei: resta saber se os seus membros retirados da magistratura judicial continuarão as brilhantes tradições d'aquelles tribunaes ou se virão ser facciosos, meros instrumentos da politica governamental. As beneficas tradições da magistratura judicial levarão o principio da justiça, da imparcialidade e independencia aos tribunaes administrativos, ou serão estes o principio de corrupção dos tribunaes judiciaes?

Veremos.

O futuro virá dizer se os novos tribunaes valem tanto ou mais do que os conselhos de districto.

As unicas corporações, os unicos magistrados em que até hoje em regra geral não tem entrado a desmoralisação, a venalidade, é nos judiciaes, mas a independencia, a rectidão e imparcialidade, de que hoje tem dado provas sufficientes, não soffrerá com esta nova ordem de cousas? Os tribunaes administrativos, onde apenas se tratam questões politicas, não irão depois lançar na magistratura judicial individuos corrompidos, desmoralizados por virtude do seu proprio cargo, onde em parte é necessario ceder ás imposições dos governos e dos politicos mandões?

POLITICA CONCELHIA

O FINAL DA TRAGEDIA

Tocamos emfim o *non plus ultra* da tragedia politica de que este infeliz concelho tem sido theatro ha mais de dous mezes.

Principiada com arruaças e espancamentos secundados pela força militar, continuada com as forcas, entrou agora na sua terceira phase—os assassinatos.

Não eram ainda bastantes os meios empregados para aterrorisar uma população que até ha pouco vivera em paz: as forcas não eram o *ultimatum* que se dirigia a um concelho opprimido; eram necessarios os assassinatos, eram necessarios os arrombamentos, era necessaria a violação do domicilio dos cidadãos.

Domingo o arrojo selvatico d'esta gente chegou ao ultimo ponto. Entramos decedidamente n'um periodo em que é necessaria a defeza a bacamarte para salvar a vida, constantemente ameaçada pelos disculos das auctoridades administrativas.

Ninguém já hoje faz caso das injurias, das ameaças, dos apupos, estamos já accostumados a isso, agora temos a guerra em nova phase e é preciso precaver-nos contra ella, visto que são as proprias auctoridades que a comandam,

Vamos aos factos:

Em Esmoriz houvera lucta profiada entre os dous grupos da freguezia na eleição da junta da parochia.

A parte algumaas irregularidades a gente do governo vencerá por 8 votos. Após o resultado os vencedores fizeram uma grita infernal dentro do proprio tempo.

Depois de terminada a eleição, seriam pouco mais ou menos 6 horas da tarde, um grupo de individuos dos mais influentes por parte das auctoridades, desafiaram alguns dos da opposição e d'ahi a pouco, d'estes ultimos, estavam feridos quasi mortalmente dous rapazes—Alves Fardilha e José da Sila.

Contra o primeiro tinha sido disparado um tiro de revolver. A bala entrou-lhe pelo baixo ventre do lado esquerdo e suppõe-se que tenha offendido algum dos órgãos essenciaes á vida.

Contra o segundo fora tambem disparado um tiro entrando a bala um pouco acima da verilha esquerda; e alem d'isso uma valente pancada que apersenta uma solução de continuidade de alguns centimetros, deixando descoberto o craneo.

Escusado será dizer que os criminosos não foram presos, nem já agora o serão porque estando-se do lado d'estas auctoridades pode-se fazer tudo quanto se quizer, como os desordeiros por ahi affirmam.

Presume-se que nenhum dos feridos possa sobreviver, e é mesmo possivel que á hora em que o nosso jornal sahir do prelo, tenham ambos fallecido.

Em Ovar como não houvesse opposição as gentes das auctoridades andaram provocando os cidadãos Seriam pouco mais ou menos 5 horas da tarde quando um grupo de caceteiros invadiram a casa de Jose Fragateiro de Pinho Branco, espancando sem motivo algum José Azevedo, Gonçalo Maria de Resende e um vendedor do jornal o «Correio do Porto.»

Os ferimentos d'este ultimo são gravissimos.

Não tinha havido uma provocação e um dito sequer. A malta composta de mais de 30 individuos á frente dos quaes iam Porteira e outros invadiu a casa aos gritos de *mata!*

A malta não só espancou como arremessou enormes pedras para dentro de casa. A frente vinha o regedor effectivo que no meio do tumulto pedia apenas ordem, mas não empregou esforços alguns para impedir o ataque. E não admira porque elle já vinha com a *troupe* desde o Largo de S. Miguel e consentia que se viesse a dar *morras*, na sua presença.

O regedor não pode fazer mais; os superiores dão-lhe o exemplo e elle segue-o á risca.

Em Vallega tambem não houve opposição, mas os inclitos arruaçeiros não tendo quem espancar, faltando-lhes o incentivo para praticarem os seus costumados feitos, desavieram-se uns com os outros e espancaram-se mutuamente. Para Vallega tinha sido mandado um destacamento de cavallaria; como para Esmoriz fôra mandado um de infantaria.

Em Vallega a força teve, para apasiguar o tumulto, de carregar os clavinas e só assim conseguiu algum resultado. Segunda-feira voltou para esta freguezia o destacamento que no domingo tinha retirado.

Presenceando o tumulto, o regedor da parochia com o presidente da junta, lá estava sem que se dignasse interpor a sua auctoridade.

O desejo de arranjar tambem um *mandosinho* que não dê sómente trabalho, como era a regedoria, fizera nascer aquella desordem capitaneada por uns *cabeças* menores da freguezia.

Como era entre *amigos* não se fizeram participações algumas para juizo.

Em S. Vicente de Pereira. D'Ovar fôra um grupo de caceteiros, que juntos aos d'esta freguezia, se derigiram a residencia do digno abbade para o espancar e insultar. Os arruaçeiros teriam levado por deante o seu projecto se não se tivesse levantado o povo, obrigando-os a retirar.

São já duas as tentativas que a gentilha tem feito para espancar o reverendo João Valente de Rezende, digno abbade da freguezia, e ainda as auctoridades administrativas não soberberam ou não quizeram por-lhes cobro. Contanto que a vitima não pertença ao numero dos seus *affectedos* tudo vae bem, tudo leva ao mesmo fim.

Em todos estes factos se vê a indole preversa, criminosa d'esse grupo nefasto, odiento que, secundado pelo governo, precipita o concelho n'uma anarchia sem igual.

No meio de Portugal moderno é difficil definir a nossa posição excepcional: é difficil prever o resultado a que nos levará este regimen de crimes, de barbaridades que revoltam.

Hoje já não são os *cabeças* quem manda, é a turba fiel que caminha, arrasta comsigo os generaes que a dirigiu para a senda do crime, das arruaças. Hoje elles tem de perfilhar esses actos. que não são mais de que uma repetição d'outros, porque d'outra forma serão vitimados, depositos do pedestal a que os elevaram os crimes. Hoje terão de caminhar á frente, terão de secundar esses actos perdidos, selvagens, porque a torrente esmaga-os.

Neste derrocar medonho os *cabeças* hão-de ser os mais castigados porque amanhã quando a

lei penal recahir sobre os criminosos elles terão de os salvar, o que é impossivel, para se salvarem a si-propios o que tambem é impossivel.

E, mais tarde, porque as represalias são fataes, as *cabeças* terão de soffrer a paga de todos os espancamentos, de todos os abortos que as revoluções da gentilha tem produzido, de todos os homicidios, e das forcas. O odio que contra si tem concitado vae-se accumulando pouco e pouco até chegar a hora precisa para trasbordar, e então...

Ai d'aquelles que esmagaram uma villa inteira á força de crimes!

AS FORCAS

E' evidente que as forças ainda não terminaram a sua acção. Supprimidas momentaneamente pela imposição d'um cavalleiro que n'uma freguezia vale bastantes votos, hão-de levantar-se d'aqui por alguns dias para representarem outra vez uma farça ignobil, que faria rir se não exprimissem os sentimentos rancorosos de que se acham possuidos os *cabeças* limonçadas e principalmente o *cabeça-mor*.

Essa nodoa que jamais se apagará da memoria do povo, tem de ser recordada uma e mais vezes, por que em qualquer occasião de regosijo os *affectedos* ás auctoridades não poderão passar sem esse espectáculo repugnante, traducção fiel dos seus corações cheios de fel.

As forcas foram as estocadas mais fundas que o concelho e principalmente esta villa soffreu no meio do vandalismo assustador que parecia querer subverter tudo. As forcas, *labaro* hasteado em plena praça publica, foram o pendão, representam o principio de vingança pelo qual combate a horda de famintos. Circumscripção a esta esphera, impellido pela fatalidade a cumprir este papel destruidor, este grupo, como um flagello, caiu sobre uma população que vivia feliz e descuidada.

Colhida de sobresalto, atordoadada pelas primeiras impressões, a villa deixou-se possuir de medo, não levantou obstaculos alguns á gente desvairada que se arremessava contra a lei, contra a boa ordem social, sem medo das auctoridades porque as tinha, como combatentes, ao seu lado.

A reserva, ao medo mesmo da população, respondeu o arrojo, a audacia da turba. Não encontraram resistencia e por isso caminharam para a frente mais confiadados na victoria.

Nem uma resistencia—porque não podia deixar de ser justa—houvera para justificar os actos vandalicos que por ahi praticaram.

Muitos tentaram reagir mas encontraram-se com o povo atormentado pelos espancamentos, nedroco das auctoridades.

E os factos tinham justificado esses receios. As auctoridades administrativas viram espancar, comandaram algumas vezes esses espancamentos e não prenderam um só dos desordeiros porque desordeiros eram ellas; e se algum prendia algum, como fizeram uns soldados; os administradores soltavam-nos immediatamente, dando assim carta livre para se poder espancar á vontade contanto que o aggreddido pertencesse ao partido contrario.

Por isso mesmo que nem os espancamentos, nem as arruaças, nem as forcas são justificadas pelas resistencias nem pelas represalias—nós dizemos que esses actos selvagens, infames, constituem o caracter dos individuos que compõem o grupo limonada; e que as forcas não-de apparecer amanhã e depois, duas e mais vezes na occasião de qualquer regosijo politico.

Carrascos por inclinação, carrascos por genio, herdaram do *cabeça* o odio sufficiente para cravar o punhal da perfidia no peito dos adversarios.

O *cabeça* ensinou-lhes que, se para vencer uma eleição fosse preciso, espancar matar, enforcar, fizessem tudo porque o fim justifica os meios.

E por isso á volta do *cabeça-mor*, carrasco por hereditariedade se reuniram outros carrascos menores.

Cohorte de carrascos tem por emblema a forca!

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O pagamento das infamias—
A ineptia traduzida nos factos—
O Berlengas vae encher-se—O cavalheiro avermelhado feito substituto.

Os caracteres venaes, as consciencias bassas, deixam-se facilmente arrastar ao crime olhando sempre a paga vinda depois. Involto na atmosphera purulenta que criam á volta de si, enlameam-se, emporcalham-se, creando um criterio elastico para as suas acções perdidas.

A lama que uma vez lhes arremessaram fez-lhes uma grande nodoa e elles depois enterram-se no lodaçal para que a nodoa apresentasse uma cor uniforme, ainda que nojenta.

Foi isto o que succedeu a um dos *condottieri* das façanhas burlescas, das arruaças sujas. Viu além reluzir um despacho do delegado e quando as suas aspirações só chegavam a carregador d'alfandega, perpretou crimes ainda maiores do que os de antes, para apanhar a sorte grande com que lá de largo lhe acenavam.

Bronco, brutal, servia apenas de instrumento insignificante nas mãos do Placo II que o fazia girar para onde lhe convinha. Para aguentar com todas as responsabilidades mandava o *forçoso* para recolher os fructos dos disparates, quando d'ahi podiam haver aplausos, lá estava o Placo II.

Deixou um rasto de estupidéz que todos veem: deixou um rasto de infamias que nem todos os despachos de delegado poderão já mais apagar.

Os de cima quando lhe acenam pela primeira vez com o pomo querido, nunca julgariam que este heroe Manchego de moderna data, Pangloss sem vintem, fosse capaz de fazer tantos disparates, mas elle mostrou-se a toda a altura, por que a estupidéz dá carta branca para tudo.

Por isso decorrido muito pouco tempo depois das eleições veio o pagamento das infamias dentro d'uma nomeação de delegado.

Vergonha para quem a fez. Entretanto alguém houve que ficou chuxando no dedo, apesar de ter gasto uma eloquencia avariada no *cenaculo*, onde arremessou a individuos, que alli não estavam para defender-se, epithetos insultuosos, que algum dia serão convenientemente retribuidos.

Por infelicidade d'elles alguns dos arruaçeiros tinham cahido sob a acção de lei. Alguns tinham-nos injuriado, mas era preciso *pol-os na rua* para que a restante vadiagem pozesse em pratica os planos que o *cenaculo* vae constantemente forjando.

Se o *cidadão* ficasse na cadeia, os outros de igual jaez não iriam tão atrevidamente arrambar as portas, janellas e vidros das casas dos que não eram affectos: se o *cidadão* ficasse na cadeia, lá se esboroaria todo o edificio que tem por pedra angular a garotada.

Era indispensavel pôr na rua o *cidadão*. Percorreu-se todo o grupo á procura d'um defensor. Eu peço aos jurados—dizia um: pela mesma—replicaram os outros; e a respeito de defensor, nada.

O *cenaculo* julgava-se apto para preparar arruaças, para inventar desordens, mas para preparar uma defesa d'um crime era burro de todo.

Nem um só se julgava apto para a defeza, porque nenhum se julgava apto para pensar a não ser em tolices.

Os bachareis do grupo eram uns *sabios* diziam e por isso não valia a pena ir fallar deante d'uma assembleia de brutos (elles julgavam que sómente lá estariam os affeiçoados).

Os bachareis do *cenaculo* declinaram de si tão grande honra e resolveram chamar um semi-oraculo.

Ao findar a reunião os correligionarios vinham dizendo—se não servem para isto, para que servem então?!

Delraz respondeu uma voz—para apanhar a vossa custa despachos de delegado.

Puff! até que emfim o Berlengas vae agarrar os *cobres* que não ganhou. Aquella burra, que devia ir para casa do *compadre*, não ha remedio senão deixal-a ir para a recebedoria, mas isso que importa! Bsta uns mandados passados por um testa de ferro para o Berlengas se encher de dinheiro.

Que grande gaudio—ganhar uns poucos d'annos d'ordenados sem uma só vez ter trabalhado!

Para alguma cousa queira o Berlengas vencer a eleição. Elle é decerto um typo generoso, muito amigo da pobreza contanto que ella lhe encha a casa de bons presentes; elle é inteiramente desinteressado, como já o eram os Berlengas antigos que nos autos esfolavam as partes vencidas.

Aquelle cofre, por tanto tempo almejado, vae emfim cahir-lhe nas unhas, n'aquellas celebres unhas de que falta o P.º Antonio

Vieira. Elle e os *boccas grandes* saberão reduzir á mais escaça das privações, porque a fome é muita e as despesas com a eleição foram enormes.

O Berlengas tem a norma já antiga de esfoliar, que herdou conjuntamente com o sorriso amarello, com os sentimentos maus, rancorosos que se denunciaram deante das forcas quando o povo chorava a desdita. Carrasco d'um povo, será tambem o carrasco do municipio, o estrangulador das receitas camararias.

E por isso elle, sem que a consciencia purulenta se sobresaltará irá cahir sobre o cofre camarario, irá encher-se com aquillo que a todos nós pertence...

Por mais que procurem em todo esse rol de nullidades não encontrarão substituto.

Para carregar com o selim das responsabilidades houve só um que nos seus momentos lucidos pedia alfandega; jámais se encontrará outro.

Placo II achava o seu *homem favorito*, o espicha-pau da sua imbecillidade, e agora esse foi-se, sumiu-se na grande torrente dos empregos. Placo II quasi chorou, fugiu da convivencia habitual dos *basbaques* e foi-se introduzir na sua cavalharia ao lado do cavalheiro avermelhado.

Este é talvez menos burro do que qualquer d'aquelles—rumina. Não tenho remedio senão fazer d'este meu amigo o meu substituto, talvez me seja tão fiel como o outro—pensava.

Dias depois reuniu-se o *cenaculo*. Estava presente todo o grupo. Placo II levantou-se e disse: eu proponho para o logar do meu substituto o meu rico cavallo avermelhado; meus senhores, eu não encontro outro nem mais fiel nem mais intelligente.

A assembleia appoiou por unanimidade a proposta e resolveu dar parte d'isto ao *cabeça maior* para conseguir o despacho.

Ao sahir o Placo pensava—que pena não o ter eu feito presidente, sempre havia de dar menos coices do que o Berlengas; já agora o que está feito, está feito...

Ismael.

Um crime

II

Os remorsos—A autopsia—Palhacice—A maldição—O Enterro.

No dia seguinte ao da morte de Anna Maria Dias da Fonseca o Perola fôra a casa do Cunha conferenciar. Isto, naturalmente, deu em resultado o vir elle, acompanhado de João Baptista e de muitos outros *politicos*, até ao Hospital onde se devia realizar a autopsia.

O Cunha ia d'um grupo ao outro animando os *politicos* e em especial os camaradas do Perola, dizendo que aquillo não valia, que os peritos não podiam reconhecer outra cousa alem d'uma pleuriz. Para ver se destruiu a corrente da opinião que avaliava o caso de forma diferente dirigira-se ao grupo dos parentes da victima mas estes não lhe responderam de bom modo e elle teve de retirar-se.

Explica-se portanto até agora o papel que este homem aqui exercia—impedir a corrente da opinião que se pronunciava contra o

Perola como autor d'aquella morte. Em todo o caso os peritos ainda não tinham dado a sua opinião. Só a autopsia legalmente podia dizer.

Aberta a cavidade craniana, principiou o exame pelo craneo no local onde fora dada a pancada. Ahi viu-se que a ferida apresentava uma especie de polpa bem visivel mas que parecia quasi curada. Cortado em cruz o tecido que cobria o osso no logar do ferimento viu-se que se não achava competentemente ligado ao craneo, porquanto logo que foi dado o golpe o tecido levantou immediatamente no ponto, não sendo ahi preciso desagregal-o.

O osso apresentava um circulo d'um centimetro de diametro d'uma cor mais clara, mais brunida do que o resto, sendo esse circulo fechado por um outro circulo de cor tambem diferente.

Segundo o parecer dos dignos peritos aquella parte do osso mais bramida e onde cahira a pancada, era já nova.

Visto o craneo pelo lado de dentro e ao mesmo tempo examinada a massa encephalica nenhum signal denunciador de qualquer enfermidade appareceu.

Depois a autopsia proseguiu os seus tramites e os peritos encontraram os vestigios da pneumonia e pleuresia.

Ao apparecerem estes vestigios o Cunha não se pode conter: viu o momento opportuno para armar ao effeito, apresentar-se como um grande medico, o melhor medico existente—e, abrindo a porta que vedava a entrada ao povo, chamou em voz alta pelos seus *affeitos* que viessem ver como se tinham realizado os seus prognosticos feitos em vida da victima. O povo pigado de curiosidade entrou a ver; admirava-se d'aquella sciencia ali expandida, mas não comprehendia bem se era ou não verdade o que aquelle sujeito dizia.

Se não estivessemos a escrever a respeito d'assumpto tão serio diriamos que aquelle *reclame* feito pelo Cunha aos seus meritos lembra-nos aquelles ditos dos palhaços de feira—*a ver, a ver, homens a palaco e mulheres a vintem*. Mas alli o que infelizmente servia de espectáculo era a infeliz Anna Maria Dias da Fonseca que morta, cortada, nua, estava deitada na meza á espera que a sciencia preferisse o seu *veredictum*.

O Cunha podia bem deixar o *reclame* aos seus creditos para outra occasião e poupar á familia da victima mais esta punhalada.

O resultado da autopsia soube-se depressa cá fóra. E quando o Cunha acompanhado de João Baptista sahio do Hospital as mulheres principiaram em altos gritos; e os homens commentavam a entrada dos dois como que querendo vergar a opinião dos peritos; diziam que já agora na nossa terra se podia fazer tudo quanto se quizesse contanto que se estivesse no lado dos limonadas, que a capa do medo já tinha abafado muitos crimes e é possível que abafasse mais este.

As mulheres entretanto amaldiçoavam a politica que deixava o aggressor a salvo emquanto a victima jazia estirada na tumba.

E os dois ao sahir caminhavam cabisbaixos, envergonhados conceios do triste papel que prestaram a desempenhar.

E' que talvez n'aquellas cons-

ciencias o remorso de se porem ao serviço d'um criminoso, ajudando-o a salvar começasse a brotar com bastante força.

O povo cá fóra attribua-lhes, ainda que erradamente, o resultado da autopsia ser tão favoravel ao Perola dizendo que a pancada nada tivera com a morte de Anna Maria Dias da Fonseca.

A multidão de povo, que enchia o Largo do Hospital, era enorme e não havia alli talvez sequer uma pessoa que não estivesse convencida de a pancada ter produzido a morte.

Imagine-se portanto quanto eram sympathicos ao povo estes dous medicos que alli tinham vindo para..... *ver se os seus prognosticos se realisavam*.

Como protesto d'uma população inteira ao resultado da autopsia, o enterro foi muitissimo concorrido. O povo alli reunido commentava a morte da victima e não podia admitir depois dos precedentes, por nós já referidos, que Anna Maria tivesse morrido apenas d'um pleuro-pneumonia.

E não se admittia que os peritos tivessem dito tudo quanto viram. Faltava-lhes explicar a presença do Cunha á autopsia e era alli que mais se tornava presistente a duvida do povo.

Nós pomos acima de tudo a probidade e a isenção completa dos dous peritos snr. dr. José Duarte Pereira de Amaral, mas tambem podemos afirmar que apesar da autopsia feita podiam ter-lhes escapado alguns vestigios que podessem lançar completa luz sobre este caso bastante difficil.

Depois de termos narrado ainda que de leve os elementos constitutivos do crime, nada que reinos concluir.

Se para a antopsia não foram necessarios os precedentes e as circunstancias que acompanharam este facto, sel-o-hão para o julgamento do reu, que não respondendo pelo crime de homicidio, terá ao menos de responder em processo de policia correccional pelo ferimento feito na vitima no dia 20 de outubro.

Em tudo o que temos escripto tivemos um fim—elucidar o publico, apresentando os factos taes como se deram, mostrar-lhe os culpados, desmascarar palhacices.

E' assim que comprehendemos a nossa missão.

(Continua.)

Protesto contra as calumnias dos progressistas

O partido progressista d'Ovar no qual eu prestei os mais dedicados e desinteressados serviços, chegando não só a arriscar a vida, mas ainda a sacrificar os meus poucos haveres, o meu credito e o bem estar da minha familia, para lhe ser util, para ajudar os seus partidarios mais ainda do que elles se ajudaram a si-propios, tem estes propalado que eu deixara a empresa do jornal «O Ovareense», porque elles *levantaram a cesta e não quizeram dar-me mais pápa!!!* Não está mau de todo o argumento, tem simplesmente o defeito da controversia.

A respeito de *pápa*, lembrome apenas que, em principio d'este anno, o snr. dr. João d'Oliveira Baptista me convidara uma vez, as 12½ horas do dia, par

um jantar politico ao ar livre n'uma sua quinta. Eu quiz desculpar-me, mas aquelle cavalheiro instou e eu accedi ao convite. O menu constou de cabritos assados (sem batatas), pão e vinho. No fim um dos assistentes pediu um lapis: puchei eu pela minha lapizeira de cabo de marfim e caneta de metal princepe e emprestei-a. Nunca me foi restituída apesar dos meus incessantes pedidos.

Mezes depois mandei um meu empregado receber uma conta a casa do sr. Sucena e que pagasse tambem o que eu lá devesse. Este senhor descontou então 700 reis d'uma fita para o peçoço que eu lhe havia comprado, e observando-me eu no mesmo dia que a fita valeria, quando muito, 320 reis respondeu-me que a differença era para a ajuda do custo do jantar dos cabritos! Um mez depois d'isto se ter passado mandei receber outra conta a casa do mesmo sr. Sucena abatendo este sr. mais 890 reis para a ajuda do jantar dos cabritos, passando então um recibo com um sello de 20 reis (!) mas á minha custa, e que é o seguinte:

«Recebi do Ill.^{mo} Sr. Manoel José Soares dos Reis a quantia de oito centos e noventa reis 0,890 reis, importe de uns cabritos que se comeram na madria.—Ovar, 21 de setembro de 1886.—João Sucena.»

Mas não ficou ainda aqui: dias depois mandei receber mais 1\$200 reis a casa do sr. Sucena, e elle respondeu ao meu empregado — que não pagava, que os mil e duzentos eram para a ajuda do jantar dos cabritos!!!

E ahí está como eu fui convidado para o jantar politico sendome depois levados ou arrancados 2\$570 reis, 20 reis de sello e a minha lapizeira que valia nada menos de 800. Total 3\$390 reis! Quanto me custou a pápa dos snrs. limonadas!

Dizem mais os progressistas que eu recebera do juiz de direito d'essa comarca muitas libras para não publicar a obra que tinha anunciado — *Os feitos do juiz Brochado*. E' mais uma torpe calúnia, que tem a agravante de serem os progressistas que me coarctaram os meios de dar a essa obra prompta publicação; mas deixemos isso, porque os snrs. progressistas bem sabem que só elles seriam capazes de praticar as acções que importam aos outros, de se venderem e apunhalarem o proprio paé, se n'isso tivessem interesse.

A unica verdade que os progressistas poderiam dizer a meu respeito é que eu resolvera passar a empresa do «Ovarense» por discordar completamente da direcção que tomava a politica d'esse partido, e por ver que o chefe era guiado pela mais reles garotada da terra, pelas mais immundas asquerosidades, e além d'isto, porque os mesmos progressistas nenhum auxilio pretaram a essa empresa, antes lhe moviam embargos e difficuldades.

E ainda com relação á pápa direi que os chefes do partido me haviam promettido pagar integralmente as despesas feitas com os diferentes processos do jornal, não se promptificando mais a pagar que muitas vezes me encarregaram de pequenos negocios politicos que demandavam despesas que nunca pagaram—que me devem por saldo da compra do jornal e da typographia a quantia de 27:900 reis, que não pagam apesar de me ter dirigido pessoalmente a cada um dos membros da

empresa e por escripto ao chefe do partido.

Termino lembrando aos progressistas que não mordam a lingua, e fico fazendo votos ao Altissimo para que o concelho não seja por elles burlado como eu fui.

Aveiro, dezembro de 1886.

Manoel José dos Reis.

Novidades

Rectificação.—No nosso numero anterior quando nos referiamos aos ataques de que tem sido alvo o reverendo parcho da freguezia de S. Vicente de Pereira, por equívoco, escrevemos o nome do sr. padre Manoel Joaquim de Andrade.

A ambos pedimos desculpa.

Barbosa de Magalhães.—A falta d'advogados no grupo limonada, veio o sr. Barbosa de Magalhães defender os *afieçados* que eram accusados, uns de espancamentos e outros de roubos e de destruição da iluminação publica.

— Apesar de professor de historia no lyceu d'Aveiro, s. ex.^a anda agora seguindo o curso de deputado por este circulo. E não vae mal.

Nas audiencias para agradar ao auditorio que se compõe de todos os do grupo, s. ex.^a procura, antes de defender o reu, de insultar as testemunhas, accusar o digno juiz, elogiar os politicos, etc.

O tribunal judicial, desde que o sr. Barbosa de Magalhães toma a palavra, não o parece ser. Se por um pouco nos transportassemos a beira mar ahí veriamos discursos identicos.

N'esta ultima audiencia houve uma testemunha d'accusação que fez o seu depoimento como a a sua consciencia lhe mandava e que era a verdade reconhecida por todos. O reu era accusado de tres crimes: o primeiro, de partir os candieiros da iluminação publica—o segundo de um roubo de roupas e varios objectos—o terceiro de injuriar á auctoridade e *vivas á republica*.

A testemunha depoz apenas sobre o segundo.

Pois que havia de lembrar ao sr. Barbosa de Magalhães!—foi atacar a testemunha dizendo que ella e um dos influentes do partido regenerador d'esta localidade mandava partir os vidros e portanto era ella e não o reu quem devia allí estar sentada. E a proposito d'isto veio dizer quantos disparates quiz a proposito da politica da localidade, referindo-se a actos que nada tinham para o caso.

Bem sabia o sr. Barbosa de Magalhães que podia dizer tudo quanto quizesse a salvo porque nem a testemunha estava presente e nem mesmo que estivesse se poderia defender d'essas accusações vis e traçoeriras.

Valia-se da bondade do sr. juiz de direito que o não mandou calar, como devia ter feito, e abusava somente para agradar aos *politicos* que o haviam de eleger deputado.

Depois de insultar a testemunha, insultou o digno juiz. Tinha a *troupe* a guardar-lhe as costas e julgava-se por isso a salvo de tudo, e por isso insultava.

Ha apenas uma palavra que pode defenir a oração do sr. Barbosa de Magalhães, feita no tribunal judicial d'esta comarca—*regateirice*.

A oração teve por fim agradar aos limonadas, e como a estes só agradam insultos, arruaças, o orador cingiu-se ao fim e caminhou sempre sem trepidar—insultou quanto pode, arruaçou quanto quiz.

Eleições da Junta de Parochia.—Como tinhamos dito no nosso numero anterior não houve opposição nas eleições das Juntas de Parochia a não ser em Esmoriz.

Trabalho no mar.—Parece que por este anno terminaram os trabalhos na nossa costa. As companhas recolheram os aparelhos e é este o indicio de ter terminado a *safra*.

Os eleitos limonadas

O *orgão* do partido *limonada* apresentava ha dias uma nota dos seus eleitos, fazendo-lhes o *reclame* proprio e usado entre os adoleiros e farrapeiros de *venerandos nomes*!!!

Este *reclame* fez-nos avivar a memoria e recordámo-nos d'umas locaes publicadas ha dois annos no mesmo *orgão*,—onde o eleito Sucena era tratado pelos limonadas com este doce miminho—*uma creança, apanhada em flagrante, confessou que era mandada pelo regociante d'esta Villa, João Sucena; ;mas atraz d'elle e outros cidadãos*. N'outro numero de mesmo *orgão* aquelle sujeito era tentado com esta delicadeza: *entre outros garotos encontrava-se o celebre Sucena*.

A vista d'isto a gente, que ainda conserva o dom do bom senso e a sã razão, pasma de tanto descarro que vae presenciando e dos espectaculos ridiculos que os snrs. *limonadas* nos proporcionam gratuitamente.

Ha dois annos um sujeito era um criminoso e instigador de creanças, era um garoto, etc, e hoje aquelle que assim o tratavam apresentam em letra redonda, aos quatro ventos da publicidade, esse nome venerando!

Que idéa se poderá fazer d'uma vereação assim bem composta.

Só o administrador Mello poderá dar-nos a resposta; nos admiramos tão somente que s. s.^a não quizesse fazer parte do senado vareiro conjuntamente com os seus collegas na campanha das bombas — Posteira, Mangueira, Necha, Funileiro, Sucena e Canellas; seria uma escolha acertada, uns dos outros, respeitaveis aos olhos de todos os municipios pelos seus *grandes feitos* tornados já conhecidos do dominio publico; emfim uma camara modelo, unica no genero uma camara completamente *limonada*!

E, acredite o sr. administrador, se tivesse assim composto a sua obra, mais e muito mais facil lhe seria obter depois o despacho que tanto ambiciona para uma das secretarias d'um dos ministerios, preferindo para o da justiça ou do reino.

Tendo s. s.^a principiado a colleccionar os seus merecimentos pela arruaça das bombas, pela instigação e soborno dos desordeiros e por muitos outros feitos que lhe são proverbias, a obra devia ser completa, porquanto somente com um Sucena e um Marcellino não a completou á verdadeira altura das suas necessidades—*estomacaes*.

Até á volta,

Lisboa 8 de dezembro.

A.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

DE
CASA DE ESCOLA

A junta de parochia da freguezia de Vallega, concelho d'Ovar, faz publico que no dia 26 do corrente mez pelas 2 horas da tarde, e no local da Igreja se arrematará a Casa de Escola para o sexo masculino e casa para habitação do professor d'esta freguezia.

A base de licitação é de 2:850\$000 reis. São prevenidos todos os interessados de que ninguem poderá licitar sem que façam no cofre d'esta Junta o depozito provisorio de 3 por cento sobre a base de licitação.

Esse depozito será de 5 por cento para adjudicação.

A planta das referidas casas e cadernos de encargos e todas as mais condições estão pateutes na mão do secretario d'esta Junta todos os dias. Vallega, 5 de Dezembro de 1886.

O Presidente,
36 José d'Oliveira Amaral.

ARREMATACÃO

Ns dia 19 do corrente pelo meio dia, á porta do tribunal d'esta comarca, por deliberação do conselho de familia no inventario de menores sor obito de Rosa Clara Gomes, hue foi da rua Velha d'esta Villa, voltam póla segunda vez á praça para serem asrematados a quem mais offerecer: Umás casas terreas, quintal, poço e mais pertenças, sitas na rua Velha, no valor de 150:000 rs. e uma terra lavradia sita em Corte de Boi, no valor de 200-\$00rs. ambas sitas n'esta Villa e são as mesmas a que se referem os editaes passados offixado em 5 de Novembro ultimo.

O producto da arrematação é livre para os menores das despesas da Graça e da contribuição de registro. Por estes são estados os credores incertos da inventareada para uzarem dos seus direitos e 2 credora certa Secocadia Clara Gomes, casada, da referida rua Velha mas residente fora da comarca, cujo dredito na importância de 22\$500 rs. já foi aprovado pelo conselho de familia.

Ovar, 6 de Dezembro de 1886.
Brochado.

O Escrivão
Antonio dos Santos Silveira.

ARREMATACÃO

No dia 19 de Dezembro proximo pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial, sito na Praça d'Ovar, por virtude da carta precatória vinda da 2.^a Vara civil da comarca do Porto, a requerimento do exequente José Pinheiro da Silva, negociante, da mesma cidade, e extrahida da execução de sen-

tença que este move contra José Leite e mulher, do logar da Carvalheira, freguezia de Macêdo, vão á praça para serem arrematados a quem mais offerecer, as seguintes propriedades e sem rendimentos: 1.^a Uma terra lavradia chamada a «Relva» ou o Campo Grande», sita na Carvalheira, avaliada em 403\$000 reis;—2.^a—947,700 de milho (50 alqueires) avatiados em 25\$000 reis;—3.^a—Uma terra lavradia chamada ao «Grageus» sita no logar d'este nome, avaliada em 60\$000 reis;—4.^a—199,017 de milho (10 1/2 alqueires) avaliados em 5\$250 reis;—6.^a—Uma terra lavradia chamada as «Dornas», sita na Carvalheira, avaliada em reis 70\$000;—6.^a—151,632 de milho (8 alqueires) avaliados em 4\$000 reis;—7.^a—Uma terra lavradia, chamada a «Lagoa», sita na Carvalheira, avaliada em 95\$000 reis;—5.^a—227,448 de milho (12 alqueires) avaliados em 6\$000 reis. Estas propriedades são todas sitas na freguezia de Macêda.

Para assistirem a arrematação e uzarem, querendo, dos seus direitos são citados quaesquer credores, incertos dos executados.

Ovar, 23 de Novembro de 1886.
Verifiquei

Brochado.
O Escrivão
Antnio dos Santos Sobeira.
2 (34)

ANNUNCIO

PeIo juizo de Direito da Camara d'Ovar, escrivão Sobreira correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do governo» citando o interessado Manoel Francisco dos Reis, solteiro, maior auzente em porte encerta no imperio do Brazil, para todos os termos do inventario de menores o que se procede por obito de seu irmão consanguinio Domingos Francisco dos Reis, que foi do logar da Seareira, freguezia de Cortegaça; e bem assim para no praso de tres dias depois defnido o prazo dos editos rectificar o processado no mesmo inventario até á data d'este annuncio.

Ovar, 30 de Novembro de 1886.
Verifiquei,

Brochado.
O Escrivão,
Antonio dos Santos Sobeira.
(35) 2

Ao publico

Vende-se uma praia sita em Manção limites d'esta freguezia d'Ovar. Vende-se particularmente convindo aos vendedores o preço que for offerecido por alqueire de sementeira; e não convindo vender-se-há em leilão no dia 16 do corrente mez de dezembro, proximo á capella de Santo Antonio, na Praça d'esta Villa, das duas para as tres horas da tarde.

Para tratar com José Maria Lucio Guedes, ourives. Praça n.^o 21 e 22, OVAR. 1

Os Dramas Modernos

INTERESSANTÍSSIMO ROMANCE

EMILE RICHEBOURG

Primeira parte — MIONNE.

Segunda » — OS MILHÕES DE

MR. ORAMIE.

Brinde á sorte de Inscriptões

E CASA DITRA DAVID CRAZZI

Rua d'Alalaya

LISBOA

Recebem-se pedidos acompa-

nhados da sua importancia na Ad-

ministração do Povo d'Ovar.

FABULAS DE LAFONTAINE

Illustradas por Gustavo Doré

COM CERCA DE 600 GRAVURAS

84 composições de pagina inteiras

247 gravuras grandes

e 220 vinhetas)

VIAGENS MARAVILHOSAS

Mundos conhecidos e desconhecidos

Grande edição popular de obras de

JULIO VERNE

Cada volume broxado... 200 rs.

encadernado

em percalina... 300 «

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa alta, si-

tuada na rua da Graça

(Pontes) d'esta Villa d'O-

var.

Tem poço e quintal,

bastante commodos,

boa armação para loja e

já afreguezada.

Para tratar na mes-

ma n.º 3, 4 e 5.

OVAR

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do

milagroso emplasto antiphelico se

curam radicalmente as roturas ain-

da que sejam muito antigas. Este

emplasto tem sido applicado em

35:540 pessoas e ainda não fal-

hou. — Preço 1\$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa

do rheumatismo, nervoso, gottoso,

articular, dores de cabeça, pontad-

as, contusões e amollecimento da

espinha dorsal. Frouxidão de ner-

vos, fraqueza de musculos, golpes

e toda a qualidade de dor ou infla-

ção: usa-se externamente em

licções. — Preço do frasco 1\$200

reís.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair

em 12 horas. — Preço da caixa 400

reís.

Molestia de pelle

Pomada Styrcia, cura prompta

e radical de todas as molestias de

pelle, as empigens, nodoas, borbul-

has, comichão, dartsros, herpesse

lepra, panho, sardas, etc. —

Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injeção, que,

sem dano, cura em 3 dias as

purgações ainda as mais rebeldes.

— Preço do frasco 1\$000 reis.

Crema das danias

Torna rapidamente a pelle ca-

ra e macia, dissipa as sardas, tez

crestadas, nodoas, borbulhas, res-

to sarabulhento, rugas, encobre

os signaes das hexigas. — Preço do

frasco 1\$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem

enviar a sua importancia em valle

do correio a Manoel Pinto Monte-

iro, Travessa do Cogo, 13, á Praça

das Flores — Lisboa.

RODRIGO VALENTE DA SIL-
VA com estabelecimento de
mercearia, fazendas, vinhos, taba-
cos, ferragens, tintas, vidraça,
molduras e miudezas em

S. JOÃO DE VALLEGA 7

LIVRO sacro ou curso de dou-
trina christã, approvado, para
uso das escholâs, pelo ex.º e
rev.º sr. Cardeal Bispo do Por-
to, coordenado por Francisco d'As-
sis Pinheiro.

A' venda — Livraria editora — Cruz
Moutinho, rua dos Caldeireiros,
18 e 20 — Porto. 7

A VENDA
NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol. 200

Pelo correio. . . 220

LIVRARIA CHARDON

CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pin-

to Ferreira com estabe-

lecimento de ferragens,

tintas, mercearia, taba-

cos, molduras e miude-

zas.

PONTES

19

Nossa Senhora de Paris

por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com

200 gravuras novas

compradas ao editor parisiense

EUGENE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o

romance NOSSA SENHORA DE

PARIS a obra mais sublime de Vi-

ctor Hugo. Cheio de episodios sur-

prehendentes, n'uma linguagem

primorosa, a sua leitura eleva o

nosso espirito ás regiões sublimes

do bello e inunda de enthusias-

mo a nossa alma, levando-nos a

tributar ao grande poeta francez a

admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada

ao illustre jornalista, portuense, o

exc.º sr. Gualdino de Campos,

e a obra completa constará d'um

volume magnificamente impresso

em papel superior, mandado ex-

pressamente fabricar em uma das

primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume

ou 18 fasciculos em 4.º, e illus-

trada com 200 gravuras, distri-

buido em fasciculos semanais de

32 paginas, ao preço de 400 reis,

pagos no acto da entrega. Para

as provincias o preço do fasciculo

é o mesmo que no Porto, franco

de porte, mas só se aceitam as-

signaturas vindo acompanhadas

da importancia de cinco fasciculos

adiantados. A casa editora garan-

te a todas as pessoas que angaria-

rem qualquer numero de assigna-

turas, não inferior a cinco, e se

responsabilisarem pela distribui-

ção dos fasciculos, a commissão

de 20 por cento. Aceitam-se cor-

respondentes em todas as terras

do paiz, que deem abono á sua

conducta.

Toda a correspondencia deve

ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISACÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

—

A DIFFAMAÇÃO DOS LIVREIROS

SUCCESSORES DE

ERNESTO CHARDRON

—

(Opusculo a proposito do ar-

resto feito pela firma Lugañ & Go-

nelioux, successores de Ernesto

Chardron, á edição do livro BO-

HEMIA DO ESPIRITO, editado

por Eduardo da Costa Santos).

—

A' venda na Livraria Civilisa-

ção, rua de Santo Ildefonso, 4 e

6, e nas principaes de todas as

terras do reino e ilhas. — Preço,

150 reis, pelo correio 160.

—

PHARMACIA — SILVEIRA

—

Isaac Julio da Silveira, pharmaceu-

tico approvado pela escola medico-ci-

urgica do Porto.

—

PONTES

20

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

—

Esta typographia completa-

mente habilitada encarrega-se

de todo o qualquer trabalho con-

cernente á sua arte, a toda qual-

quer cor, tanto prateado como

dourado, assim como: obras de li-

vros, jornaes, facturas, bilhetes

de visita, circulares, etiquetas

para garrafas, diplomas etc.,

para o que acaba de receber das

principaes casas de Paris, uma

grande variedade de typos e vi-

nhetas.

—

Preços o mais rasoaveis possiveis

—

Codigo Administrativo

Approvado por Decreto de 17 de
Julho de 1886

Com um appendice, contendo
toda a legislação relativa ao mes-
mo codigo, publicada até
hoje, incluindo o

Regulamento do Processo Administrativo

é UM COPIOSO

REPERTORIO ALPHABETICO

Preço... 200 reis

(Pelo correio, franco de porte a quem
enviar e sua importancia em
estampilhas)

A' venda na Livraria — CRUZ
COUTINHO — Editora. Rua dos
Caldeireiros, 18 e 20 — Porto.